
ESTRUTURAS ESQUIZÓIDES E DIALOGISMO NAS FICÇÕES INTERÉTNICAS E
INTER-GENRES

SÉBASTIEN JOACHIM*

RESUMO

Esta comunicação, preparada para o XV Encontro da Associação Internacional de Literatura Comparada, em Leiden, Holanda, tenta arrolar alguns dos recursos conceituais e identificar os centros mais proveitosos para um estudo ou um estágio em estudos interculturalistas. São indicados como saber de apoio: a lingüística da enunciação, o dialogismo bakhtiniano, a psicossociologia, a sociologia da interação, a psicanálise social. São identificados principalmente centros de estudos franceses (Toulouse, Bordeaux etc.). Segue, para concluir, uma ilustração que envolve literatura canadense e literatura latino-americana.

PALAVRAS-CHAVE: Interculturalismo, inter-racialidade, inter-sexualidade, heterogeneidade, diferença cultural, psicocrítica.

Trata-se de um projeto de pesquisa que se apóia nas contribuições teóricas de Jacqueline Authier-Revuz (1984) (heterogeneidade mostrada e heterogeneidade constitutiva), de Dominique Maingueneau (1993 e 1996)¹ (cenário, interdiscurso, poliglôtismo e paratopia do sujeito escrevente), de Francis Affergan (1987) (crítica do exotismo, da comparação auto-referida, de uma certa lógica da diferença), de Rada Iveković (1992) (subjetividade triunfalista e pessoas gramaticais no Ocidente e problemática de “gêneros”) e de Emmanuel Lévinas (1961) (*ethos* e ética do enunciador, dialética do Mesmo e do Outro).

* Professor de Teoria Literária da Universidade Federal de Pernambuco.

O arcabouço central é a Literatura Comparada, na perspectiva da imageria cultural de Daniel-Henri Pageaux (1989), reforçada pela concepção da imagologia de Álvaro-Manuel Machado e Daniel-Henri Pageaux (1988) e completada pela visão interculturalista de Claude Clanet (1993) (Groupe CERESI, Université de Toulouse-le-Mirail).

Procuramos adaptar à análise do discurso de Dominique Maingueneau as idéias de Clanet, e alargar as bases imagológicas de Daniel-Henri Pageaux, ao franquear também a uma cultura nacional, pluralista e heterogênea (como o caso do Brasil e do Canadá, por exemplo), oficialmente unilíngüe ou bilíngüe, a legitimidade de abordagem atribuída a culturas e países assaz afastados no espaço (oriente x ocidente, Europa x América), pela língua (inglês x espanhol) ou pelo tempo (inglês medieval x irlandês de hoje).

Aliás, em tempo “global”, é preciso começar a encarar o rompimento de barreiras entre as culturas nacionais e a inserção destas numa configuração além de seus limites geográficos e lingüísticos, mediante um sabir/saber informático, um quase “esperanto” funcionalmente *intercultural* por si. Exploraremos essas possibilidades que, de resto, incentivam certos estudiosos em ciências humanas – G. Balandier (1994), Marc Augé (1994), Renato Ortiz (1994), Octavio Ianni (1996), Ruben G. Oliven (1992),² E. T.3 tendem, igualmente, a corroborar a versão de um Brasil policultural, enquanto, no Canada, Charles Taylor (1994), o CIEC (Conselho Internacional de Estudos Canadenses – Otawa),³ na França o grupo CRAAL de Bordeaux (Centre de Recherches sur l’Amérique Anglophone), na Suíça os Cadernos Vilfredo Pareto (*Revue Européenne des Sciences Sociales*, vol. XVIII, n. 53) se empenham em demonstrar a existência de grupos e comunidades muito diferenciados culturalmente no seio de um mesmo espaço, outrora pensado como culturalmente homogêneo.

Revela-se, portanto, oportuno estruturar um espaço de pesquisa comparativista mais amplo do que aquele que repousava, de modo principal ou exclusivo, na diversidade da língua e do território nacional.

Ao circunscrevê-lo no plano de discursos ficcionais, materializando contatos entre componentes étnicos e sexuais, não descartamos aprofundamentos psicanalíticos ou sociopolíticos. É uma questão de prioridade nossa. Problemas de *genres* e raças perpassam sobremaneira, às vezes um só livro como *O mulato*, de Aluísio de Azevedo, ou *Dom Casmuro*, de Machado de Assis, sem falar de livros-biblioteca, ou livros-bíblia, como *Ulysses*, de Joyce, *Em busca do tempo perdido*, de Proust, *Grande sertão: veredas*, de Guimarães Rosa, a rigor o conjunto dos contos e novelas da canadense Margaret Lawrence, ou do brasileiro Moacyr Scliar, ou do argentino J. L. Borges.

Linguisticamente, Guimarães Rosa, Joyce, Céline, Borges, vários autores canadenses (Austin Clarke, Mordecai Richler, Naim Katan), ou caribenhos (Maryse Condé, Jacques Roumain), em geral migrantes e ex-colonizados, se valem habitualmente de uma escritura “poliglota”, multilíngüe.

A estudiosa portuguesa Isabel Allegro de Magalhães (1995), no belo livro *O sexo dos textos*, acabou de provar que a questão lingüística tem incidência na questão da diferença sexual. A representação ficcional tem a singularidade de intensificar tais diferenças e de suscitar no leitor tomadas de posições que Paul Ricoeur (1988) desenvolveu teoricamente sob a denominação de “identidade narrativa”.

Emmanuel Lévinas (1961) nos convida a uma ética de acolhida desses interdiscursos e intertextualidades representados, a ultrapassar, por conseguinte, a descrição das frequências lexicais, das constantes e variáveis situacionais, da genealogia dos sujeitos de fala, dos graus e modos de legitimação da fala desses sujeitos, da transformação de certos sujeitos em objetos de discurso, enfim de todos os dispositivos de poder implicados no rol e nos papéis ficcionais.

A narratologia e as outras ferramentas teóricas são apenas um preâmbulo ao engajamento ético, sociopolítico do pesquisador. Queixam-se habitualmente da esterilidade e do narcisismo das pesquisas literárias. Eis aqui um rumo de pesquisa a que nos afiliamos – *o interculturalismo* –, com a finalidade de conscientização em forma de

mais justiça social, mais respeito à pessoa humana, habilitando o pesquisador a desempenhar o papel de consultor para as ONGs e para os órgãos que trabalham para a paz dentro e entre as nações.

O método de ler a sociopoética (MOLINIÉ e VIALA, 1993), orientador nesse importante trabalho, é, todavia, bastante simples: considerar o escritor não como um ideólogo mas como um ser paratópico cuja missão é colocar vozes em circulação, através de determinadas situações de enunciação, de variações culturais, de significantes pontos de emergência suscetíveis. Segundo Ricoeur, o escritor deverá ser capaz de suscitar no leitor real novas propostas (discursos, mundos, formas de relação), ou seja, um imaginário do alhures em que haja mais um diálogo *de outro modo* que briga pelo poder entre culturas diferenciadas no seio de uma ideal e ilusória unidade nacional, ou de um falacioso consenso entre nações.

No que concerne à estrutura que chamamos de “esquizóide” em nosso título, apresentamos algum esclarecimento. O termo “esquizóide” provém da psicanálise, mais precisamente é retirado literalmente de Eugène Minkowski (1967). No âmbito de nossa pesquisa, associamos estreitamente a *estrutura psicossocial* das personagens de ficção ao andamento geral da narrativa.

O modo de ser e de agir dos personagens redundando na estruturação do enredo, e reciprocamente. Logicamente, um personagem delirante faz delirar a linguagem. Mas quando isso não acontece, pelo menos se verifica um leve desvio do curso narratológico “normal” estabelecido por A. J. Greimas, a saber:

- situação inicial: perturbação de uma ordem
- situação final: restauração da ordem.

Entre esses dois pontos ocorrem peripécias variadas.

Os romances de inter-ação racial e intergênero apresentam, salvo algumas nuances que a análise pormenorizada da obra estabelecerá, a seguinte lógica narrativa:

- perturbação inicial
- peripécias variadas
- perturbação finalmente mantida, que nos traz de volta à situação inicial.

Cumpre-se dessa forma algo como um afivelar, como um emparelamento dramático dos personagens e de sua situação psicossocial. Tal é a razão pela qual recorreremos à analogia analítica expressa pelo termo “esquizóide” (substantivo esquizoidia). Uma definição sumária deste termo projetará uma certa luz sobre o resumo que faremos das duas ficções de nosso *corpus* (*corpus* inicial, por ser essa pesquisa interminável como o número de ficções capazes de alimentá-la).

Minkowski (1997) parte da noção de “constituição” da personalidade humana, de seu dinamismo conflitual, para além da divisão entre o normal e o patológico, entre o sadio e o mórbido. A esquizoidia, diz ele,

não explica no fundo nenhum dos sintomas isolados de que pode se compor a esquizofrenia; ela explica, porém, a maneira de ser peculiar, característica da personalidade esquizofrênica e que a distingue de toda outra personalidade mórbida, ao aproximá-la do comportamento esquizóide em geral. (MINKOWSKI, 1997, p. 188-189)

No contexto dessa observação, ele se esforça por considerar a esquizoidia como um dinamismo geral da personalidade desprovido de qualquer conotação doentia, tal como pode acontecer com a esquizofrenia. O termo “esquizoidia” faz parte de um elenco de três termos (esquizoidia, sintonia, *glischroidia*), que, mediante nuances em que não entraríamos, não designam qualquer particularidade de caráter, mas apenas a estrutura dinâmica global que atravessa de cabo a rabo todo o ser humano, no seu quadro de funcionamento. Por ser um contato vital com a realidade ou com o ambiente implica tendência (nostálgica) à fusão, à união com o ambiente. No caso de uma predominância eufórica desse contato, fala-se de sintonia; no caso de uma experiência de

dilaceração entre duas forças, no ambiente de vida, temos a esquizoidia. A estrutura esquizóide se dá na “antinomia entre duas forças na vida do homem” (MINKOWSKI, 1967, p. 191) para com o seu ambiente. Assim, a vida psíquica é bipolar, ela oscila entre a sintonia ou a esquizoidia.

Ainda segundo Minkowski, a estrutura esquizóide é uma indicação da dependência do homem a respeito de seu quadro, dos acasos felizes e infelizes que nela se enfrentam, mediante, “seres, coisas, eventos, situações” (p. 192). A maneira de enfrentar o seu quadro “sintone” ou “esquizóide” define o perfil de uma personalidade no seu existir. O que se deve reter de tudo isso é bem

a bipolaridade e a movência constitutivas da personalidade, sem etiquetá-la como normal ou patológica. Apesar de o indivíduo viver como *enclausurado* (frisamos) entre os dois pólos de sua constituição, a riqueza da vida é salvaguardada até um certo ponto, graças a essas oscilações entre pólos. (p. 195)

Se se reverte tudo isso em prol da estrutura narrativa e das personagens de ficção, teremos estruturas esquizóides, desconstruídas por pontos de fuga ocasionais no decorrer das peripécias, mas com um enclausuramento de conjunto em grau de rigidez diverso, bem como personagens que se relacionam mais ou menos bem com o seu ambiente de seres e coisas, e personagens escorregando nitidamente para a esquizofrenia ou incapacidade de intercambiar com a alteridade.

Podemos agora olhar para os dois romances que nos servem de “banco de ensaio” nessa etapa de nossa pesquisa.

O que se pretende é a colocação em paralelo ou o cotejo de *Gabriela cravo e canela* (1958), do brasileiro Jorge Amado, e *L'été de la Cigale* (1968), da canadense Yvette Naubert. A ação de *Gabriela* se passa em Ilhéus, cidade de interior do Estado da Bahia, no nordeste do Brasil, por coincidência a cidade onde nasceu o autor, não longe da capital, Salvador. Na época da história, 1925, Ilhéus se encontrava em pleno desenvolvimento, num processo de confluência de raças e de

culturas. O livro menciona a presença de judeus, árabes, russos, negros e mulatos, brancos. A ação de *L'été de la cigale* (*O verão da cigarra*) elege como cenário uma pacata cidade do norte dos Estados Unidos, no Estado de New Jersey.

No livro de Yvette Naubert, fala-se em negros e brancos e apenas acidentalmente é mencionada a proveniência italiana de alguém. Mas, da mesma maneira que o romance de Jorge Amado oferece como pontos de fuga Salvador e Rio de Janeiro e uma Arábia mítica, o romance de Yvette Naubert faz recordar reiteradamente o sul, a guerra da secessão e suas implicações na vida dos atores e as atuais lutas dos negros americanos para os direitos civis e para a integração escolar. Jorge Amado apenas menciona esporadicamente a luta dos coronéis no tempo dos desbravamentos da região e a caça a um negro que teria cometido um delito.

A história de Jorge Amado se resume assim: uma mulata emigra de Pernambuco (nordeste) para a Bahia (nordeste) fugindo da seca e procurando trabalho. Foi contratada como cozinheira e *bonne à tout faire* (isto é, para cama e mesa) pelo árabe Nacib, dono de um bar-restaurant. Graças a seu charme e a seus talentos culinários naturais passou ao papel de amante e, depois, de esposa e patroa ao lado de Nacib. Mas como não consegue se firmar nesse patamar de ascensão social, por incompatibilidade de caráter e de cultura, teve de regressar a seu papel inicial de cozinheira e de sobremesa sexual do patrão.

A história em Yvette Naubert não é, *grosso modo*, diferente. Uma negra do sul dos Estados Unidos, de primeiro plano no movimento de integração dos estudantes negros na Universidade da Georgia, namorou e se casou clandestinamente com um branco de família burguesa. Essa é uma família de fazendeiros sulistas que, arruinados pela abolição da escravidão, migrou para uma cidadezinha do norte onde conseguiu refazer fortuna. Tudo andava bem até que Tom e sua esposa negra, Lorraine, filha de um pastor e de uma professorinha desconhecidos, apareceram na noite de uma festa social organizada pelos pais de Tom. Um processo

de destruição que já estava em processo nesta família se acelerou até a morte do pai ultra-racista de Tom, a loucura da sua mãe e o retorno dos jovens casais para o lugar anônimo de onde tinham saído, com um adicional sentimento de culpa e de tensão nas relações íntimas.

Elevada no plano simbólico, que sustenta a história paralela de cigarras que saem da terra, sobem nas árvores e caem mortas, a aventura de Tom e Lorraine conota uma estrutura circular – do anonimato inicial ao anonimato final – que sanciona o beco sem saída do casamento entre a negra e o branco. Tal foi também, como vimos, o programa narrativo cumprido pela mulata Gabriela quando, de Madame Saad, voltou a ser a simples doméstica de outrora. A superfície das duas histórias revela uma bipolaridade, característica da estrutura esquizóide confirmada por outras investigações sobre o casamento bicolor, que já apresentei no meu livro de 1980, *Le nègre dans le roman blanc*.

Este bilã negativo expressa talvez a deficiência do diálogo intercultural em uma boa porção de ficções contemporâneas e, talvez, nos diálogos empíricos. Se aceitamos a posição do analista Michel Gribinski, concluiremos que quase sempre uma certa aporia constitutiva do discurso verbal nos empurra para o gueto da “interincompreensão”.

O fato mesmo de pensar é, diz Freud, um *ersatz*. A construção também é uma experiência de cada qual. As narrativas de nós mesmos (...), o uso que fazemos do mundo e a imagem que queremos dar, o que narramos e o que acreditamos silenciosamente, são construções. A simples escuta de quem nos fala constrói o que pensamos entender. (GRIBINSKI, 1996)

Falar é perturbar a realidade em vez de se colocar a serviço de uma inalcançável verdade. O milagre da comunicação bem-sucedida só se conquista através de um policiamento constante, de uma correção incansável, nos casos de falhas, de nossas atitudes diante da alteridade. Há um gigantesco trabalho encetado nessa direção pela releitura da história cultural do ocidente no seu envolvimento com a África. Vale conferir Mineke Schipper (1973), Claude Wauthier (1977), Léon Fanoudh-

Siefer (1968), com as Américas, T. Todorov (1984 e 1982), Daniel-Henri Pageaux (1989), Roger Bastide (1974), entre outros.

É nesta linha de estudos de conscientização que se situam as pesquisas que principiamos agora na Pós-Graduação da Universidade Federal de Pernambuco, pesquisas em que, conforme certos autores – E. T. Hall, Radar Ivekoviç, Steven Connor (1994), Isabel Allegro Magalhães, Claude Clanet, A. Finkielkraut (1987), P.-André Targuief (1987), Julia Kristeva (1991), Renato Ortiz, Octavio Ianni, Ruben G. Oliven) –, homens e mulheres (Heinich, 1996),⁴ negros, índios, árabes, brancos, judeus – consultar Nelson Vieira (1994) – são, entre um quadro enunciativo ficcional ou empírico, representantes de comunidades culturais singulares, diferentes mas capazes de enriquecer-se e de completar-se mutuamente.

Uma leitura cursiva dos dois romances mencionados já chama a atenção sobre uma excessiva “fixação” na pigmentação da pele no quadro dos Estados Unidos – sociedade ficcionalmente bicategorial (preto x branco). Por exemplo, a frequência da palavra “preto” e de seus análogos (negro, negra), assim como a da palavra “branco” (com seus associados “claro”, “leitoso”), é de uma frequência altíssima, e arrasta na sua respectiva esfera semântica o mundo cósmico (o dia / o sol / o luminoso / a noite / o escuro / o sombrio), o mundo arquitetural (casa, quarto, objetos de valor) e o mundo animal (gato preto chamado Blackie e tratado de demônio, de diabo; gato branco chamado Whitey). O ódio que toma conta dos personagens, e que vai de um para o outro, se traduz na conotação pejorativa associada no seu pensamento às cores preto e branco e aos representantes das duas etnias do universo romanesco. A falta de condições do diálogo (comunidade de interesse e de valor) é total em todas as manifestações da vida social (emprego, moradia, culto religioso, laços de família e de amizade), em que indivíduos isolados pertencentes às duas raças ou aos dois sexos (masculino / feminino) parecem ser solidários. O elo é denunciado *in petto*, num monólogo interior vizinho do delírio, prova de um agudo desequilíbrio psicossocial que repercute até na linguagem romanesca.

O mesmo não se constata no romance do baiano Jorge Amado. Provavelmente porque o Brasil não é sociologicamente um país de duas categorias estanques preto x branco, tal como os Estados Unidos. Não há aqui fixação na cor preta ou branca. O grau de frequência desses dois tons cromáticos é muito menor, em nossa impressão de leitura.

Predomina a canela sobre o cravo (preto ou branco); a mestiçagem de Gabriela arrasta na sua esteira outras meias-tintas (*demi-teintes*), um abrandamento dos conflitos nos diálogos entre raças e culturas – salvo no que concerne às relações pesadamente marcadas pelo interesse econômico e pela prepotência dos coronéis. Curiosamente são estes que discriminam e desprezam, a um só tempo, os forasteiros ou brasileiros oriundos do Rio, o judeu-russo Jacob, e até o árabe Nacib, maldosamente apelidado “turco” por alguns também caloteiros de seu barzinho. Também são os coronéis que massacram as mulheres: as esposas e concubinas são literalmente escravizadas, e as filhas manipuladas ou aterrorizadas.

Assim, a bárbarie atinge, tanto em Jorge Amado quanto em Yvette Naubert, as relações que deveriam existir no século XX entre pessoas de uma mesma nação, que se expressa na mesma língua e que envia indistintamente brancos, negros, mulatos para morrer nas guerras ou nas Forças de Paz da ONU. Mais uma vez, além da língua, da bandeira e da cultura nacional que testemunha uma homogeneidade global, é indispensável trabalhar o que Jacqueline Authier chama de “heterogeneidade constitutiva”, detectável nos discursos dos diversos grupos culturais – a escala local e regional, étnica, sexual e religiosa – a fim de se livrar da ficção dos Estados-Nações e de viver num clima de diálogo verdadeiro. O estudo das ficções interétnicas e *inter-genres* pode nos ajudar a bem começar essa tarefa.

RESUMÉ

Cette communication, préparée pour la XV Rencontre de l'Association internationale de Littérature Comparée a Leiden (Hollande), essaie de reunir les

ressources conceptuelles e d'identifier les Centres quelques uns des Centres les plus interessants pou une étude ou un stage en etudes interculturalistes. Sont indiqués comme connaissance d'appui: la Linguistique de l'énonciation, le dialogisme bakhtinhien, la psychossociologie, la Sociologie de l'interaction, la psychanalyse sociale. Sont identifiées principalement des Centres d'Édutes de France (Bordeaux, Toulouse etc). Suit finalement une illustration que implique Littérature Canadienne et Litterature Latino-américaine.

MOTS-CLÉ: Inter-culturalisme, inter-racialité, inter-sexualité, hétérogénéité, différence culturelle, psycho-critique.

NOTAS

1. Acrescentaria aqui para o multilingüismo: G. Vermes et J. Boutet (Orgs.). *Multilingüismo*. Campinas: Unicamp, 1989 e os nomes de escritores policulturais como Salman Rushdie, Moacyr Scliar, Samuel Rawet, Mordecai Richler, Edmond Jabès, Tahar Ben Jelloun, Michael Ontdaje, Wladimir Nabokov, Samuel Beckett, o crítico literário Edward Said. Eles são atravessados por várias culturas, não importam se eles passam por brasileiros, franceses, argentinos, irlandeses, canadenses, americanos... São "globalistas" no bom sentido e precisam ser condignamente entendidos, numa abordagem pluridisciplinar.
2. Consultar também Carlos Vogt e Peter Fry. *A África no Brasil*. Campinas: Companhia das Letras, Unicamp, 1996, obra em que uma micro-comunidade do Cafundó foi criteriosamente estudada como enclave cultural, ligado, contudo, a uma entidade mais ampla chamada Cultura Brasileira.
3. 3.O Conseil International d'Études Canadiennes (CIEC) dispõe na internet de catálogos de obras ligadas ao multiculturalismo e ao interculturalismo: <http://www.uottawa.ca/academic/erecf>. Pode-se consultar também o programa de auxílio às redes de pesquisa internacionais (PARRI) do CIEC que pode ser contactado pelos seguintes endereços: Fax (013) 789-7830 e E-mail: aguimont@iccs-ciec.ca. Há um Internet Bookstore na University of Alberta. E-mail: Paul.Martin@ualberta.ca. Também o Questel TS e Questel IST oferecem uma base de dados sobre o Canada e a França: 1611, bd Gremazie est, Montréal, Quebec H2M2P2 ou Route des Dolines, Les Bouillides, 06565, Valbourne, France

4. No caso específico das mulheres, Nathalie Heinich presta, neste livro, um imenso serviço aos estudiosos da interculturalidade ao examinar “l’identité féminine dans la fiction occidentale” em 250 ficções do século XVII até hoje, chamando a atenção para a situação de enclausuramento do sexo feminino.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AFFERGAN, Francis. *Exotisme et altérité*. Paris: PUF, 1987.
- AMADO, Jorge. *Gabriela cravo e canela*. 55. ed. Rio de Janeiro: Record, 1978.
- AUTHIER-REVUZ, Jacqueline. Hétérogénéité(s) enunciativa(s). *Langages*, 73, Mars 1984, Larousse, p. 98-111.
- BASTIDE, Roger. *La femme de couleur en Amérique latine*. Paris: Anthropos, 1974.
- BAUDOT, Georges. *Récits aztèques de la découverte*. Paris: Seuil, 1983.
- BOSI, Alfredo. *Dialética da colonização*. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.
- BOSI, Ecléa. *Cultura de massa e cultura popular*. 8. ed. Petrópolis: Vozes, 1992.
- CONNOR, Steven. *Teoria e valor cultural*. São Paulo: Loyola, 1994.
- FANOUDH-SIEFER, Léon. *Le mythe du nègre et de l’Afrique dans la Littérature française de 1800 à la 2e Guerre Mondiale*. Paris: Klincksieck, 1968.
- FINKIELKRAUT, Alain. *La défaite de la pensée*. Paris: Gallimard, 1987.
- GIRARDI, Giulio. *Os excluídos construirão a nova História?* São Paulo: Ática, 1996.
- GRIBINSKI, Michel. *Le trouble de la réalité*. Paris: Gallimard, 1996.
- HALL, Edward T. *Au-delà de la culture*. Paris: Seuil, 1976.
- HEINICH, Nathalie. *Etats de femmes*. Paris: Gallimard, 1996.
- IVEKOVIĆ, Rada. *Orients critique de la raison post-moderne*. Paris: Noël Blandin, 1992.

- JOACHIM, Sébastien. *Le nègre dans le roman blanc*. Montréal: Presses de l'Université de Montréal, 1980.
- KRISTEVA, Julia. *Etrangers à nous-mêmes*. Paris: Folio-Essais, 1991.
- LÉVINAS, Emmanuel. *Totalité et infini*. La Haye: Nijhoff, 1961.
- MAGALHÃES, Isabel Allegro de. *O sexo dos textos*. Lisboa: Caminho, 1995.
- MAINGUENEAU, Dominique. *Le contexte de l'oeuvre littéraire*. Paris: Dunod, 1993.
- _____. *Les termes clés de l'analyse du discours*. Paris: Seuil, 1996.
- MINKOWSKI, Eugène. *Vers une cosmologie*. Paris: Aubier, 1967, Chap. 18.
- MOLINIÉ Georges, VIALA, Alain. *Approches de la réception*. Paris: PUF, 1993.
- NAUBERT, Yvette. *L'été de la cigale*. Montréal: Cercle du Livre de France, 1968.
- OLIVEN, Ruben George. *A parte e o tudo: a diversidade cultural no Brasil-Nação*. Petrópolis: Vozes, 1992.
- RICOEUR, Paul. L'identité narrative. *Esprit*, n. 140-141, Juillet-Août 1988.
- SCHIPPER-DE-LEEuw, Mineke. *Le blanc vu d'Afrique*. Yaoundé: Editions CLE, 1973.
- TAYLOR, Charles. *Multiculturalisme: différence et démocratie*. Paris: Aubier, 1994.
- TODOROV, Tzvetan. *La conquête de L'Amérique*. Paris: Seuil, 1982.
- _____. *Nous et les autres*. Paris: Seuil, 1984.
- VIEIRA, Nelson H. (Org.). *Construindo a imagem do judeu*. Rio de Janeiro: Imago, 1994.
- WAUTHIER, Claude. *L'Afrique des Africains*. Paris: Seuil, 1977.